

PORNOGRAFIA OU PRODUÇÃO DE CONTEÚDO?: O MERCADO SEXUAL EM AMBIENTES DIGITAIS

JESSICA RODRIGUES ARAUJO CUNHA¹; RAFAEL DA SILVA NOLETO²

¹Universidade Federal de Pelotas— *cunhaa.jessica@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas— *rafaeldasilvanoletto@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o entendimento sobre o que é ou não pornografia se flexibilizou, a pornografia de filmes, revistas e sites já não dialoga com a nova forma que o digital desenvolveu em torno da venda e consumo de imagens explícitas. Essa reconfiguração a respeito da venda e do consumo de imagens explícitas no digital trouxe também um olhar menos negativo a respeito desse mercado. Atrelado ainda a um discurso positivo por parte da mídia, a produção de pornografia de plataforma, também chamada de produção de conteúdo +18, vem atraindo muitas mulheres jovens a entrarem neste universo, com uma promessa que envolve dinheiro e liberdade.

A pornografia, assim como qualquer outra produção humana, possui como uma de suas características principais a possibilidade de se transformar de acordo com o contexto político-cultural ao qual pertence. Então entender a pornografia e sua relação com as mulheres requer não apenas um olhar cuidadoso sobre as pessoas envolvidas, mas também sobre a própria pornografia enquanto fenômeno social.

Entender sobre como essa reconfiguração da pornografia vem se desenvolvendo é preciso olhar para o seu local de funcionamento e os códigos inscritos neste ambiente. Autoras como BENITEZ (2009), DINES (2010), HIRATA; KERGOAT (2007), PARREIRAS (2012) e GREGORI (2016), se tornam essenciais para entender os desdobramentos dessas novas interações que ocorrem no digital.

O digital é o local onde essas novas dinâmicas vem se tornando mais comum, de forma mais específica nas plataformas de compra e venda, além das mídias sociais e aplicativos de troca de mensagens.

2. METODOLOGIA

O trabalho tem como campo o digital e as relações ali presentes, desta forma utilizo as plataformas de compra e venda de conteúdo, como *Onlyfans* e *Privacy*, as mídias sociais digitais, como *Instagram* e *Twitter* e aplicativos de troca de mensagens, como o *Telegram*, para realizar não apenas uma observação, como

também uma interação junto as mulheres que produzem conteúdo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, além de capturas de tela dos aplicativos e plataformas.

Com isto, o trabalho possui uma abordagem qualitativa, apoiado em uma etnografia digital, porém sem deixar escapar as implicações do fazer *on-line* no ambiente *off-line* (MILLER; SLATER, 2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas discussões se destacam neste momento da pesquisa. A primeira está relacionada a forma como essa pornografia de plataforma vem desvinculando a sua imagem do trabalho sexual, através do uso da linguagem. Isto se dá através do que ADAMS (2018) chama de referente ausente, onde a linguagem age como um produtor de ausência, isto é, ela esvazia de sentidos através da substituição de termos e categorias. Um exemplo disto pode ser visto na forma como a pornografia teve seu nome substituído por produção de conteúdo, ou em como essas mulheres recusam a categoria trabalhadora sexual e se definem como *altmodels*.

Outra questão neste novo modo de produzir pornografia está diretamente relacionado a uma lógica algorítmica, que aparece como aquela que guia tanto as produções, quanto as relações presentes neste espaço, pois como cita BEIGUELMAN (2021) o algoritmo se configura como um aparato disciplinar, o que significa que é ele quem regula todas as relações no digital.

A lógica algorítmica é quem aparece como aquela que guia tanto as produções, quanto as relações presentes neste trabalho, pois como cita BEIGUELMAN (2021) o algoritmo se configura como um aparato disciplinar de nossa época, o que significa que é ele quem regula as relações no digital. Aqui temos não apenas a relação entre produtora e consumidor, mas também a relação entre as próprias mulheres que produzem.

Além disso surge uma última questão que envolve as representações nas quais as mulheres estão presas e em como as mídias aliam seus discursos a favor de uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 2019), que age de formas diferentes em homens e mulheres, o que fica evidente quando analiso que a imensa parcela de consumidores é formada por homens, enquanto por outro lado, a produção de conteúdo +18 é majoritariamente realizado por mulheres.

4. CONCLUSÕES

O texto teve como objetivo apresentar um panorama mais geral da reconfiguração pelo qual a pornografia vem passando nos últimos anos impulsionada pelo digital e as possibilidades que este ambiente oferece. Por se tratar de uma pesquisa ainda em andamento, as conclusões aqui ainda estão sendo desenvolvidas. Porém já é possível perceber algumas estratégias que o mercado sexual vem adotando com o objetivo de atrair ainda mais mulheres para esse trabalho, que historicamente possui a mulher e respectivamente o seu corpo como o principal produto.

Por fim, é possível perceber que por mais que o mercado sexual renove suas práticas e dinâmicas, as condições de trabalho dessas mulheres não. A informalidade continua sendo um dado importante para entender a posição da mulher no social, e a produção de conteúdo corrobora para um crescimento dessa parcela de mulheres no mercado informal

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne**: uma teoria feminista-vegetariana. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.
- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem**: Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo**: Bastidores e cenários do pornô brasileiro. Tese - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.
- DINES, Gail. **Pornland**: How porn has hijacked our sexuality. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 2010.
- GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres Perigosos**: Erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.
- LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- LAURETIS, Teresa. Através do espelho: mulher, cinema e linguagem. In: **Estudos Feministas**. Santa Catarina, ano 1, n.1, p. 96-122, 1º semestre. 1993.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trindad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004
- PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. In: **cadernos pagu** (38), janeiro-junho de 2012:197-222.